



JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCIS
(1927 - 1969)

JORNAL DA TARDE

23 NOV 1989

Os números aconselham humildade aos candidatos

O que os números finais da eleição de 15 de novembro, divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral, aconselham aos dois candidatos que passaram para o segundo turno é, em primeiro lugar, uma atitude de profunda humildade.

Efetivamente, o que esses números mostram é que o primeiro colocado, Fernando Collor de Mello, teve contra si pouco mais de 70% dos votos expressos, e o segundo colocado, Luís Inácio Lula da Silva, pouco mais de 83% do eleitorado. Isso significa que, no segundo turno, se se mantiver o mesmo índice de abstenções, 54% dos eleitores distribuirão seus votos entre os dois concorrentes apenas porque não têm opção. A maioria votará **por exclusão**, não por convicção. Em outras palavras, qualquer que seja o futuro presidente, ele não poderá considerar-se legítimo representante da maioria absoluta dos brasileiros.

Para completar esse quadro, é indispensável acrescentar um outro elemento: o segundo colocado no primeiro turno da eleição para a Presidência da República não foi nenhum dos candidatos regularmente registrados pelos partidos. Foi o João Ninguém. Somadas as abstenções com os votos em branco e os votos nulos, chegamos a 15 milhões de votos, ou seja, esse João Ninguém teve três milhões de votos a mais do que os obtidos pelo sr. Lula da Silva.

Este é o retrato sem retoques da opinião dos eleitores, expressa claramente num dos pleitos mais livres e tranqüilos de nossa História. O primeiro dever dos candidatos, portanto, é adequar suas ambições a essa realidade. Nenhum deles recebeu delegação popular para operar mudanças revolucionárias. O único sentimento majoritário que pode ser detectado nessas eleições é o de protesto contra a situação atual e o de um profundo anseio de renovação.

Agir além dos limites traçados pelos eleitores significará uma nova traição da elite política brasileira à vontade expressa da sociedade. O alerta precisa ser dado, porque já há sinais de que essa traição pode ocorrer, a julgar pela atitude do sr. Lula da Silva, pregando a luta do capital contra o trabalho, tão logo se evidenciou a sua passagem para o segundo turno. E uma eventual traição de Lula que, quer queira ou não, hoje faz parte da elite política brasileira, seria a pior de todas. Ela significaria criar a ilusão de que, com sua vitória, os pobres serão mais ricos e os ricos serão mais pobres. Colocada nesses termos, sua eventual vitória criaria, em pouco tempo, pelo seu evidente irrealismo, uma frustração ainda maior do que as grandes e numerosas decepções que os brasileiros tiveram nos últimos trinta anos, a partir da renúncia de Jânio Quadros.

Não duvidamos da boa fé do candidato do PT, quando ele quer transformar essa eleição num falso e ultrapassado embate entre direita e esquerda. Preferimos acreditar que ele age assim por não ter entendido ainda, em sua exata dimensão, as grandes transformações que sacodem o mundo de hoje e que já tornaram coisa do passado divisões ideológicas como aquela. Não há nada mais **elitista** num país como o Brasil do que o debate ideológico. Por isso mesmo, mais lamentável ainda do que a atitude do sr. Lula da Silva é a dos políticos que falam em apoiá-lo, alegando que ele é “progressista” e o sr. Collor de Mello “reacionário”. Ora, Collor é exatamente aquilo que todos os políticos tradicionais brasileiros são, inclusive os que o atacam, qualificando-o de “direita”. A começar pelo sr. Mário Covas. Como alguém que reconheceu publicamente, como candidato, a necessidade de um **choque de capitalismo** quer convencer-nos agora de que esse choque pode ser aplicado por Lula e pelo programa do PT? Será essa mais uma **face** desconhecida do sr. Covas? A verdade é que, vistas as coisas friamente, o choque de capitalismo pregado pelo sr. Covas está muito mais próximo do programa do “direitista” Collor do que do “esquerdista” Lula.

Além de reconhecer a modéstia de seus 16% de votos, o candidato do PT precisa tirar pelo menos duas outras lições das eleições do dia 15. Por exemplo: ele teve seus piores resultados na parte mais moderna do país, ou seja, São Paulo, onde o PT tem suas bases mais importantes, e em todos os Estados do Sul. Teve boa votação nas partes mais atrasadas do país, onde o PT não possui organização, graças à eficiente atuação do **maior partido político nacional** que é a Igreja “Progressista”. Venceu apenas no grande **bunker** da nomenklatura nacional que suga a seiva econômica do país, que é Brasília.

Por outro lado, a própria participação do sr. Lula da Silva nessa eleição, com possibilidade de chegar à Presidência da República, é a melhor prova da superioridade dos regimes de liberdade política, que não podem existir onde não há liberdade econômica. Foi o setor mais dinâmico de nossa economia — o setor privado — que possibilitou o surgimento no ABC paulista de Lula e do PT, dois fenômenos inimagináveis no Nordeste. É a democracia pluralista, avessa a radicalizações do tipo bem contra o mal, rico contra o pobre, “direita” contra “esquerda”, que possibilitará sua eventual chegada à Presidência. Pode o sr. Lula da Silva estar certo de que, se a “classe dominante” que tanto ataca em sua propaganda eleitoral tiver-se a força que lhe atribui, ele não estaria na posição em que está. É a mobilidade social que só existe em regimes de economia de mercado que permite a ascensão de valores como Lula.

23 NOV 1989